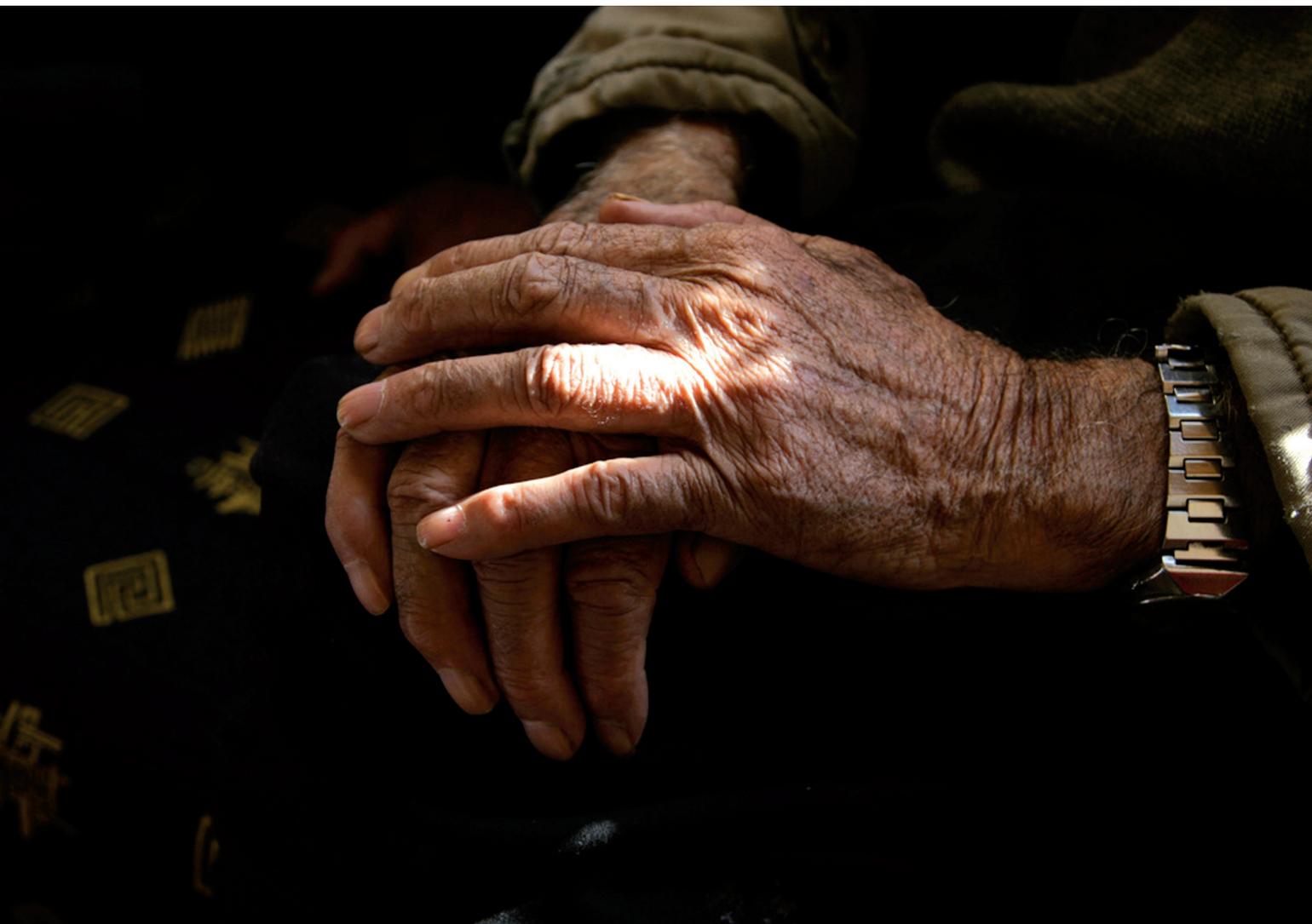


## O Velho Médico

Cassio Camilo Almeida de Negri



Disponível em: <[http://farm4.static.flickr.com/3045/3055846159\\_2a27968bcf\\_b.jpg](http://farm4.static.flickr.com/3045/3055846159_2a27968bcf_b.jpg)>.

O médico aposentado estava sentado na cadeira da cozinha, os braços apoiados na mesa e, à sua frente, uma caneca de café com leite, que bebericava vagarosamente e na qual amolecia as torradas que comia.

Enquanto mastigava sem pressa, pensamentos borboleteavam na mente do velho doutor.

Lembrou-se de que, no início da carreira, ainda dava toda a atenção ao paciente, conversando bastante,

colhendo informações valiosas para o seu tratamento, palpando-o, tocando-o com as mãos, toque este que parecia fazer parte da cura, como as mãos divinas do Cristo a curar Lázaro.

O tempo foi passando, a tecnologia crescendo, veio a ultrassonografia, a tomografia computadorizada, a era digital, e o paciente foi se transformando em um número:

— É o paciente do leito trinta da pediatria do pavilhão dois — diziam no hospital, não era mais o Joãozinho.

Não que a tecnologia fosse má, pois esta já descobriu muitas doenças quando ainda tratáveis. O problema estava na tecnologia mal usada, que devassou os meandros do corpo e encobriu as belezas da alma.

Lembrou-se também da pressa. Quanta pressa tivera na correria do dia a dia, indo do consultório ao hospital, aos plantões e aos vários empregos. Nem tivera tempo para si e para sua família.

Tinha tanta pressa que o tempo também acelerara. Os filhos cresceram tão rápido, nem pôde levá-los ao primeiro dia de aula, nem à primeira comunhão. Quantas vezes prometera ensiná-los a andar de bicicleta... Tantas que acabaram aprendendo sozinhos. E a casa de bonecas no quintal que nunca construiu?

Vieram os netos, e tudo se repetiu. Cresceram, e ele nem percebeu.

Até o gato, quando vinha se aconchegar, ronronando, ao seu lado, era espantado, pois o doutor não queria pegar toxoplasmose e, muito menos, ser atrapalhado em seus estudos quando estava de “folga” em casa.

Agora, aos seus noventa anos, estava ali, sozinho, pois a esposa já falecera, os filhos e netos há muito haviam voado para fora do ninho e, assim como ele nunca sentira a falta deles, também não sentiam a falta de um velho esculápio tomando café com leite e torradas. Por sua mente vieram versos mal lembrados de Drummond:

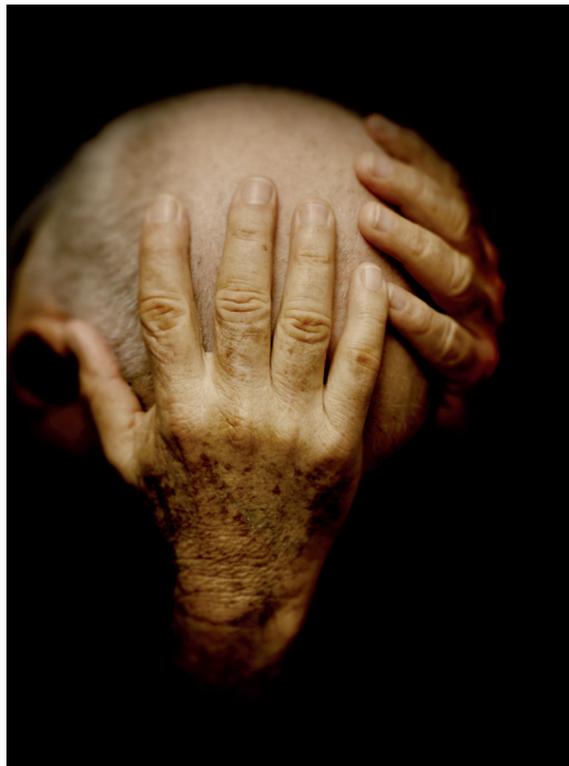
*E agora, doutor?  
A festa acabou,  
O povo sumiu,  
A noite esfriou,  
E agora, doutor?  
Doutor, para onde?\**

Comeu mais um pedaço de torrada e café com leite.

Agora, sem pressa, tinha todo o tempo do mundo, mas não tinha mais o mundo para preencher o seu tempo.

Pensou que tudo o que aprendera em medicina também não significava mais nada, tudo estava ultrapassado; o novo conhecimento substituíra o antigo.

Empurrou a caneca de café com leite para o lado, colocou a testa sobre os braços cruzados em cima da mesa e assim ficou, até que duas lágrimas rolaram pela sua face.



A vida fora em vão...

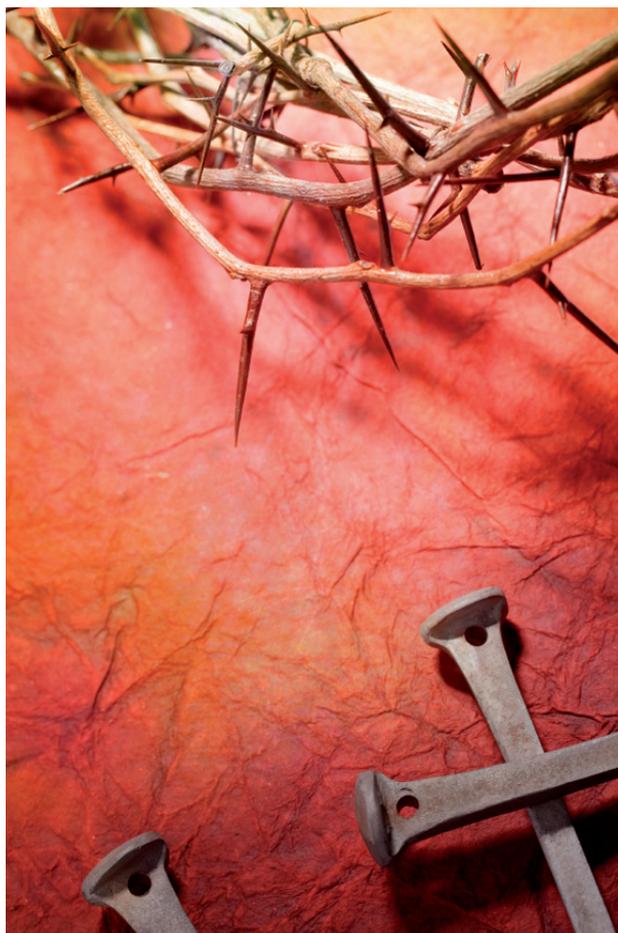
Sob a forma de uma borboleta azul, um pensamento, aos poucos, veio se aproximando, titubeante. Mas foi crescendo, até iluminar sua mente como um clarão multicolorido. A borboleta se transformou naquela pacientezinha de quatro anos que há mais de seis décadas não pudera salvar e que, em seus últimos momentos de vida, beijara-lhe a face e derramara algumas lágrimas, tocado pela compaixão.

Sorriu, montou nas asas da borboleta, deixou seu casulo e voou, voou até desaparecer no horizonte da vida.

\* Livre adaptação dos versos de *José*, do poeta Carlos Drummond de Andrade.

# O Incompreendido

Walter Pinheiro Nogueira



Ele pôs fogo na Terra,  
Inverteu tudo que ela era:  
Virou-a de cabeça para baixo,  
Pelo direito e pelo avesso,  
Por todo lado.

Não deixou pedra sobre pedra,  
Consertou-lhe o que era errado:  
Desfez os “laços” familiares,  
Separou irmãos de irmãos,  
Pais de filhos.

Em vez de paz, trouxe-lhe a guerra,  
O conflito!  
Dividiu-a em duas eras.  
Era um revolucionário!  
Ensinou o homem a rezar,  
Ensinou-o a perdoar,

A não se preocupar,  
A amar.

Vivia com a multidão  
Sem lugar para repousar a cabeça  
Ou mesmo alimentação...  
Obedecia somente ao Pai!

Os sacerdotes não O suportaram,  
Cuspiram Nele,  
Bateram Nele,  
Zombaram Dele,  
Coroaram-No com espinhos  
E, sem que nada mais pudessem fazer,  
Pregaram-No em uma cruz,  
Que carregam, ainda hoje, como adereço, no peito,  
Sem terem peito para a carregar!  
... Quem, Ele?

# O circo

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul



Disponível em: <<http://novo.almanaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/circoqueirolosep.jpg>>.

*Circo Queirolo*

“Desocupados invadiram o seu terreno e estão montando um circo” — queixavam-se, incomodados, alguns vizinhos, vindo exigir minhas providências para expulsá-los. Hoje, isso não causaria espanto, mas o caso ocorreu há muitos anos.

Atônito, esperei certo tempo para ir até o local. Constrangeram-me a humildade e penúria daqueles que tentavam dar feição de circo a um modesto cercado de lona. Eles nada apresentavam de vadiíce; eram pessoas pobres, procurando meios de divertir os outros para tentar viver com alguma dignidade.

Houve época, em nosso meio, durante a qual os circos deveram sua relevância ao nome dos seus palhaços mais eminentes. Assim, quando menino, eu ouvira falar dos Irmãos Queirolo, entre eles o Chicharrão, porém, não

guardei pormenores, além do curioso apelido desse último.



Disponível em: <<http://novo.almanaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/chicharrao-e-pimentaochuani.jpg>>.

*Palhaços Chicharrão e Pimentão*

Mais tarde, ainda bem jovem, eu costumava ir, à pé, ver o Piolin e sua trupe, em exhibições na rua do Paraíso,

perto de casa. Em uma daquelas noites (como no cinema!), meu pensamento atravessou o picadeiro para se fixar em uma juvenzinha que já havia me deslumbrado durante um intervalo da sessão dominical do *Cine Paramount...* Todavia, *o seu olhar não me cobriu d'afago, e minha imagem nem sequer guardou* (Casimiro de Abreu). Tempo de poesia!... Em compensação, estamos unidos até hoje!

No Largo da Pólvora, funcionava o circo do palhaço Arrelia. Tinha de recorrer ao bonde para ir até ele. Anos depois, as suas sessões entusiasmavam minhas filhas, em especial. Tempo de pai e de automóvel! Ulteriormente, em um encontro casual com o próprio Arrelia, mesmo sem termos sido apresentados, pude fazer-lhe uma cortesia em nome das nossas meninas. Em outra oportunidade, duas delas, na qualidade de fãs, fizeram-se fotografar com o Fuzarca e o Torresmo (do clã dos Queirolo), embora se aparentassem acanhadas.

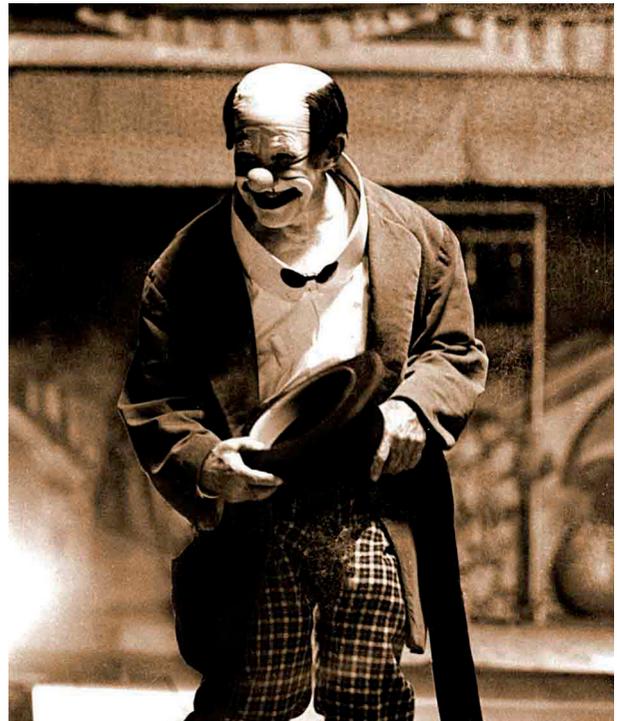


*Fachada do antigo Cine Paramount, hoje Teatro Abril*

Não é incomum a amargura tornar-se a outra face do sucesso. O destino provou que sim. Acabara de ser empossado chefe da Enfermaria Geral do Hospital das Clínicas, quando fui informado sobre o doente do leito 11, que acabava de falecer — chamava-se Abelardo Pinto: o Piolin.

Nunca consegui conhecer de perto algum dos considerados grandes circos. Contudo, quase pude ver uma exibição do Sarrazani, que fazia furor na várzea

do Carmo; o que me complicou foi a falta de recursos para enfrentar o preço do ingresso!



*Palhaço Piolin*

Paulatinamente, ao longo de todas essas décadas, o circo da minha geração foi tendendo à extinção... De fato, em todo o mundo, devido à escassez de áreas urbanas apropriadas para se instalarem, os circos começaram a se direcionar para áreas menos populosas; suas atividades irremediavelmente foram sendo sufocadas pelo crescimento do cinema e da televisão; ao mesmo tempo, foram surgindo companhias internacionais, de feito circense moderníssimo, auxiliadas por organizações financeiras poderosas e um formidável trabalho de marketing.

Não demorou para chegar a hora de ver meu terreno completamente desocupado. Fui até lá — nem sinal dos meus invasores! Deles procurava abstrair-me, caminhando a passos lentos e fixando as ideias em diferentes assuntos: na incerteza, no futuro indefinido, por ser este melhor ou mais confiável, buscando recuar do momento em que se vive; passear pelo antigamente, supondo que não faltam nenhum dos meus queridos — “todos estão por aqui, por ali...”. Com efeito, a mente tem a primazia de retroceder no tempo, estacionar ou avançar,

Disponível em: <[http://www.piratininga.org/cine\\_paramount/paramount\\_fachada.jpg](http://www.piratininga.org/cine_paramount/paramount_fachada.jpg)>.

Disponível em: <<http://novo.almanaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/piolin14-copiascp.jpg>>.

formular esperanças, com ternura lembrar aquelas realizadas, usar a serenidade para superar o sofrimento das decepções, e nada mal se recorrer a uma lágrima para ambos os casos! É tão fácil dar asas à imaginação — a qualquer momento, poderemos cortá-las...

Entretanto, tornava a devanear acerca dos “meus invasores” e, otimista, concluí: em uma ocasião hipotética, a sorte lhes sorriria oferecendo nova condição. Eles teriam êxito em prosperar; comporiam famílias treinadas desde criança; haveria palhaços famosos, saltimbancos, ventríloquos, faquires, ilusionistas, contorcionistas, malabaristas, números de trapézio, volantes, balés, monociclos, bicicletas, animais domesticados; e a sua bandinha tocaria “*Barril de Choç*”, de Altamiro Carrilho e Sua Bandinha. Desmanchariam eles as barracas, teriam grande mobilidade — em seu nomadismo, agradariam as populações afastadas dos grandes centros, conquistariam cidades, o país todo. Emprestariam sua história para produção de filmes famosos, concorrentes de “*O Circo*” (Charles Chaplin), “*Irmãos Marx no Circo*” (Edward Buzell), “*Noites de Circo*” (Ingmar Bergman) e “*O Maior Espetáculo da Terra*” (Cecil B. DeMille), este último vencedor do Oscar de 1952.

Enfim, voltariam para São Paulo e, obrigatoriamente, ficariam instalados na Rua do Paraíso!

Outubro de 2008



*Palhaço Arrelia*

Disponível em: <[http://1.bp.blogspot.com/\\_GLI90Mm8Ssg/TQC\\_-cOjSOI/AAAAAAAAADXg/Z7WvPJV6foI/s1600/a1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_GLI90Mm8Ssg/TQC_-cOjSOI/AAAAAAAAADXg/Z7WvPJV6foI/s1600/a1.jpg)>.

**Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul**

*Professor de Medicina e Escritor*

*Ex-Professor Adjunto do*

*Departamento de Cardiologia da FMUSP*

*Ex-Diretor da Divisão de Cardiologia Social do Incor*

# Mutunque

L.C. Mattosinho França

*Mutunque os*

A boca muda

*Charitatis*

Doutor, estou mal

Pele amarela

Barriga inchada

Falta de ar

Pondo sangue

Os dedos ágeis

Percutindo

As mãos fortes

Palpando

Os ouvidos

Auscultando

Os olhos lendo

Exames, chapas

O diagnóstico

Desenganado

Meu irmão

Coragem!

*Charitatis*

A boca muda

*Mutunque os*

## Analogias em Medicina (n. 28)

**Ameixa seca no abdome** — O processo de desidratação das frutas para consumo surgiu na Europa, durante o Império Romano. As frutas são submetidas a processo de secagem natural, exposição ao sol ou artificial, por meio de câmara de ar, vapor ou estufas. A ameixa desidratada ou seca é conhecida desde a Antiguidade. Apesar da desidratação, ela não perde suas propriedades nutricionais, sendo rica em fibras, minerais, como potássio, ferro e cálcio, vitaminas A, C, B2 e carboidratos, que permanecem preservados e muito concentrados (segundo o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas — TECPAR).

Uma anomalia congênita caracterizada por aplasia dos músculos da parede abdominal foi descrita há cerca de 150 anos, por Fröhlich F.: *Der Mangel Der Muskeln, insbesondere der Seitenbauchmuskeln. Thesis, Würzburg, 1839*. Sua publicação é considerada o primeiro relato da síndrome descrita a seguir.

Trata-se de rara malformação congênita, até então de causa desconhecida.

A incidência da síndrome é de aproximadamente 1 (um) em cada 30.000 a 40.000 nascimentos, sendo mais frequente no sexo masculino. Ocorre agenesia e/ou aplasia de uma ou mais camadas da musculatura da parede abdominal, que é substituída por substância homogênea sem fibras musculares, e associação a graves anomalias gênito-urinárias. Estas incluem displasia cística dos rins, dilatação ureteral e hidronefrose. A bexiga mostra-se muito dilatada e com contração deficiente, sendo comum o refluxo vesicoureteral. A próstata, muitas vezes, torna-se hipoplásica. Regra geral, há criptorquidia bilateral. Podem ocorrer ainda distúrbios intestinais, anomalias cardíacas, como defeito do septo atrial e ventricular, e pulmonares, como hipoplasia e pneumotórax, bem como pé varo.

O recém-nascido tem a pele abdominal flácida, pregueada e enrugada, semelhante à superfície de uma ameixa seca. Segundo os especialistas, isso ocorre porque o abdome, embora distendido com líquido no interior do útero, perde tal líquido após o nascimento, provocando o enrugamento pelo excesso de pele. Tal aspecto é reforçado pela aplasia total ou parcial da musculatura abdominal. Esse conjunto motivou a denominação *síndrome do ventre em ameixa seca* (ingl. *prune belly syndrome ou PBS*).

A ameixa é fruto da ameixeira (angiosperma: *Prunus domestica*). Em inglês, *prune* é ameixa seca (*a dried plum*). Esse quadro clínico-patológico é característico, e o diagnóstico pode ser feito *in utero* pelo ultrassom, propiciando, atualmente, tratamento intrauterino.

A descrição do *abdome em ameixa seca* é, às vezes, erroneamente atribuída ao grande médico William Osler. Ele não usou esse termo, porém examinou um paciente com a síndrome, que lhe foi enviado pelo Dr. Fitcher, tendo publicado o caso. Tratava-se de menino de 6 anos que foi internado com “distúrbio gástrico e dificuldade de urinar”, cujo exame revelou que a criança não tinha praticamente músculos abdominais (“Congenital Absence of the Abdominal Muscles, With Distended Urinary Bladder”. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, Baltimore, november, 1901).

Alguns relatos na literatura médica brasileira confundem a expressão “*prune belly*” com nomes próprios, dando a entender que os autores dessa malformação seriam o *Dr. Prune* e o *Dr. Belly*. Uma rápida consulta ao dicionário nos ensina que são apenas simples substantivos e de fácil tradução.

Os pés, quando constantemente úmidos, podem mostrar a pele amolecida e enrugada, adquirindo também o aspecto inconfundível de ameixa seca, que a torna fragilizada e sujeita a fissuras.

**Quem sou eu?** — A maioria das mulheres refere-se a mim como um simples *caroço*. Ao exame clínico (palpação), sou

comparado, pelo tamanho e contorno circunscrito, a uma *bola de gude*, que desliza sob os dedos do observador, e a um *camundongo*, pela mobilidade. Muitas vezes, sou descoberto ao acaso, pois costumo ser *mudo*, indolor, assintomático. Às vezes, cresço muito, quando me chamam de *gigante*. Prefiro moças mais jovens (terceira década) a balzaquianas. Se puncionado com agulha fina, ofereço uma consistência e resistência de *borracha* (pneu) e, nos esfregaços citológicos, apresento-me com imagens as mais variadas, como *favo de mel*, *chifre de veado*, *taco de golfe*, *dedos de luva*, *trevo* e até com o aspecto inusitado de *sementes de gergelim sobre um pãozinho*, quando espalho as células mioepiteliais sobre as parenquimatosas. A olho nu, lembro uma *esfera* ou *ovo de codorna cozido*, pois minha cor preferida é branco pérola. Ao ser radiografado e quando calcificado, comparo-me a uma *pipoca* ou uma *concha*. Minha vida, sob o comando de hormônios, é um pouco *sanfona*: diminuo na menstruação, aumento na gravidez e murcho em definitivo após a menopausa. Ao exame microscópico, pareço um *sanduíche misto*, com estruturas epiteliais e mesenquimais abraçadas em quantidade variável, configurando *canais*, *fendas* e *vales*. Não ofereço dificuldade ao cirurgião que me extirpa pela lumpectomia, pois me descrevem como *salta-carroço* (em outras palavras, parto natural muito rápido e fácil). Eventualmente, tenho alguns *irmãos*, quando múltiplo e, por vezes, bilateral. Do ponto de vista político-social, sou rotulado de *inofensivo*, não terrorista. Não ofereço perigo. Nunca seria acusado de ruir torres aqui ou alhures. Se processado, ora bolas, os jurados já têm o veredicto na ponta da língua: *inocente*, benigno... (é muitíssimo raro eu esconder um “cancerzinho” no meu miolo). Em Mastologia e na Classificação Internacional de Doenças, meu nome é *fibroadenoma*. Sou muito *popular* na mama feminina.

**José de Souza Andrade Filho**

Professor de Anatomia Patológica da  
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*